Pola:ferie pola:grei

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

Director
Conde de Monsaraz
Redactor principal
Antonio Sardinha
Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada
Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20
Impressão — Rua da Atalaia, 134
Editor — João A. Santos
Telefone: C. 1035

Trabalhemos!

A tão feliz mudança ultimamente operada no nosso governo interno não importa uma mudança radical na atitude politica dos monarquicos. Estes continua a ser ditada pelas instruções de Et-Rei, que num manifesto fomos os primeiros a acatar e a exaltar, fieis em politica externa á obediencia absoluta a Sua Magestade, que os nossos principios impõem. Nada temos hoje que modificar das nossas afirmações de então. Sómente encontramos pela nossa frente um governo digno e bem intencionado, a quem devemos o justo reconhecimento dos nossos direitos fundamentais e das mais imprescindiveis garantias de convivencia social, ha muito obliteradas! Ao odioso governo de ha meses, delapidador e incapaz na administração publica, que no nosso altivo desinteresse só sabia corresponder com insultos e violencias, opunhamos a nossa abnegação e a nossa abstenção de desforço, magoada, mas generosa. Levavamos a nossa dedicação pelo país a ponto de não nos desafrontarmos dos agravos que recebiamos. Era um sacrificio enorme, mas era o maximo a que nos podia levar a preocupação da situação da nossa Patria em guerra!

Felizmente hoje podemos levar mais longe a nossa lealdade politica! Sairemos da abstenção, que a custo sustentavamos, para podermos chegar á cooperação e ao apoio que merecem os atuais governantes. E' indiscutivel a sua honestidade e a seriedade dos seus propositos! E' sincera a sua obra de pacificação interna. Estamos certos de que será digna e zelosa a sua acção externa. Não lhe devemos pois regatear o nosso auxilio e, porque felizmente o integralismo tem pela elevação dos seus principios indiscutivel autoridade na corrente de opinião que o segue, deve impeli-la a uma obra fecunda e devotada de resurgimento nacional.

Não é tanto no campo politico que se poderá exercer a acção do nosso grupo. Ai poderemos aplaudir a ação moralisadora e depuradora do sr. dr. Sidonio Paes e arredar do seu caminho incidentes perturbadores e irritantes. Deveremos secundar todo o seu esforço inteligente em restaurar a hierarquia e a disciplina sociaes, num país em que se fez mais do que destruir essas bases essenciaes da sociedade em que elas se inverteram! Mas o quadro das actuaes instituições não nos permite confiar muito no exito das mais generosas tentativas! Temos neste momento a Republica sem parlamento, sem um partido politico senhor do poder, com um chefe de Estado investido duma autoridade efectiva e independente de coniuios eleitoraes, com um governo que resulta da livre escolha do seu chefe e não de intrigas de facção, com uma nitida base de força militar e portanto disciplinadora,—é emfim uma Republica melhorada, por isso mesmo que se afasta da genuidade dos principios republicanos, mas é uma Republica em todo o caso e como tal incapaz de asseguar a felicidade futura da nação.

E assim, limitada pela natureza das cousas a nossa cooperação politica com o governo, é no campo economico que lh'a devemos oferecer plena e sem restrições. E quanto ha a fazer nesse campo, depois dum governo em que a esterilidade legislativa só era excedida pelo desacerto e absurdo das suas raras medidas. Foram poucas, mas foram todas conscienciosamente funestas e más!

Devemos chamar todas as classes sociaes a um trabalho fecundo em prol da patria; cumpre mostrar-lhes que ao lado do nosso soldado, que heroicamente combate nas plagas africanas ou nas trincheiras da Europa, tem o civil tambem deveres de combatentes tem de se sacrificar pelo seu país, tem de lhe consagrar o melhor do seu esforço! E' preciso que toda a população se convença de que tem deveres de guerra a cumprir, que por mais suaves não são menos imperiosos do que os dos militares na fileira! E' forçoso suprir a falta destes durante a guerra e depois dela, nesse embate temeroso, em que os interesses materiaes se degladiarão numa pugna não menos ardente do que os combates actuaes.

Até hoje temo-nos lamentado das pequenas privações que a guerra nos traz, sem cuidarmos de as remediar e temos contemplado calmos, numa pavorosa inconsciencia, erros graves de governo que julgamos não nos afectarem directamente.

Criminosamente a incapacidade financeira do governo transecto não aumentou os impostos depois da guerra e o publico rejubilou. Não o fez o governo por simples incompetencia. Jámais houve entre nós em tão criticas circunstancias financeiras uma tal ausencia de providencias e até de simples expedientes. Nestes tres anos de guerra não se conseguiu elaborar e promulgar uma simples proposta de fazenda! Nem os exemplos concordantes de tantos países aliados conseguiram despertar qualquer iniciativa util na mentalidade depauperada dos nossos legisladores! Houve apenas uma habilidade: a de aumentar sucessiva e violentamente o meio circulante—ultimo recurso a que se tem recorrido em todos os demais estados beligerantes. Mas não subiam os impostos e muitos julgavam-se por isso satisfeitos. Não viam que o processo adotado pelo governo era o peor de todos e o mais caro!! Tinha só uma vantagem: era facil de fazer, não exigia locubrações nem calculos. Meia duzia de palavras e uma alteração de cifra num decreto bastavam! Sómente a moeda depreciou-se e a vida encareceu duma forma assustadora, por esse facto de ha muito conhecido e logicamente fatal! Não valem menos as cousas, mas vale menos o dinheiro! Portanto o preço, expressão numerica em dinheiro do valor de cousa, teve de se elevar! Nenhum agravamento de impostos, por mais excessivo, poderia jamais acarretar á economia de cada um de nós os encargos que advieram dum tal abuso do meio circulante! Parecia não nos tocar directamente e afinal sujeitava-nos á extorsão maior de todas!

Não o compreendem a maioria do publico e por isso não se esforçou por atenuar ou remediar o mal. Espero que o novo governo empregará neste sentido a sua acção energica e profícua, mas carecem igualmente os particulares de o ajudar. Devemos para defesa do nosso proprio erario e para bem da nação poupar o meio circulante. Usemos largamente do cheque e das transferencias de contas, como aliás se faz nos países de mais adeantada e intensa vida economica. Poupemos a nota e com isso nos enriqueceremos. Nesse sentido deve a classe comercial usar de todo o esforço e devem os seus orgãos representativos fazer a maxima propaganda.

Alonguei-me neste exemplo para provar que a remediar os males gravissimos do passado devem concorrer com a atividade do governo as iniciativas individuais. Mil outros exemplos se poderiam indicar!

A nossa preparação economica para depois da guerra está toda por fazer e estudar. Apenas o acaso das dificuldades de importação tem imposto a necessidade da creação e progresso de algumas pequenas industrias nacionais. Pois é urgente que nos habilitemos a ampliar no fim da guerra o nosso comercio externo. Carecemos de estudar afincadamente os recursos do país, ainda tão desaproveitados e mal conhecidos, e as necessidades dos mercados exteriores. Devemos promover a creação de organismos solidos e fortes, que condignamente nos representem no mundo inteiro e aí busquem a melhor colocação dos nossos productos. Muito podem neste sentido a acção diplomatica e consular inteligentemente orientadas. Mas mais do que o seu apoio vale a acção dos particulares, cujo interesse neste ponto mais uma vez se confunde com o da propria nação.

Por seu lado a agricultura deve reparar o terrivel crime de se manterem terrenos incultos num país em que ha fome! Deve atenuar pôr todos os meios a crise da mão d'obra, que dia a dia mais se fará sentir e que constituirá no futuro um problema gravissimo. O empresario agricola deve empregar até ao maximo a sua atividade, não para se enriquecer sómente, mas para salvar o seu país.

Em resumo carecemos de trabalhar dedicadamente, entusiasticamente, patrioticamente! Não esperemos tudo do governo. Redobremos de esforços, cada um na esfera propria da sua atividade profissional. «Não nos fiemos no messianismo; só o trabalho de todos pode engrandecer a patria». Disse-o o Sr. Doutor Sidonio Paes ha poucos dias na sala da Camara Municipal de Lisboa. E' uma das suas afirmações mais inteligentes e dos que mais o honram; é uma indicação a que todos devemos fielmente obedecer!

Ruy Ennes Ulrich.

?

No seu editorial de ontem, o nosso presado colega *O Dia* instruia o processo do velho parlamentarismo constitucional. Pela energia das suas palavras, ficámos sabendo que não teremos a Resurreição dos Mortos. Pacheco resigna-se definitivamente ao silencio tumular, e Acacio só voltará a si na hora suprema da Ira de Deus. Ora ainda bem! Decididamente uma nova era politica se anuncia, com base na competencia, na ponderação, na *qualidade*. De acordo, completamente de acordo! Só não percebemos, por muito sibilina, a passagem seguinte:

«As esporas douro das lutas parlamentares ganham-se mais facilmente nos grandes debates sobre assuntos que interessem á vida internacional, colonial, financeira e economica da nação, do que em pueris divagações sobre coisas de ordem politica especulativa, cuja oportunidade de apreciação está distanciada para tempos de calmaria, que não serão muito provavelmente os que teremos em nossa vida!»

Peior que o enigma de Thebas, só estas «pueris divagações» que julgavamos mais defuntas ainda do que a propria *Carta Constitucional*, de chorada memoria! Por isso pediamos ao nosso ilustre colega que nos elucidasse. Será abuso nosso? Talvez! Mas acostumados desde sempre á amabilidade de que ainda no sabado ultimo nos deu provas, a ela entregamos confiadamente a satisfação da nossa curiosidade.

Bôa nova

O nosso amigo e ilustre engenheiro Eduardo de Bethencourt Ferreira, vai ocupar-se dentro de breve da debatida questão da Atlantida. Com a sua rara competencia, será assim arrumado geologicamente um problema que tanto se prende com as nossas recuadas origens. Tambem Luiz Chaves apronta neste momento um outro trabalho, *A formação da nacionalidade*, em que a tése ocidentalista, sustentada por Antonio Sardinha no seu *Valor da Raça*, se enche de novos e imprevistos reforços. São dois acontecimentos no dominio das idéas portuguêsas, que ficarão durando como das melhores afirmações do movimento integralista.

Adesões

Continuamos recebendo novas adesões. Na devida altura serão registadas, enviando *A Monarquia* de aqui aos seus novos amigos as suas mais calorosas saudações.

O requerimento do Padre

A gente do senhor Antonio Zé deferiu o requerimento do Padre Mariola. Mandava-nos ontem desbragadamente — ah! suspensorios que rebentais a valer desta vez—, nem os senhores imaginam para onde?! Para o fuzilamento, como se nós tivessemos entregado Moçambique aos alemães, enviando contra eles tropas sem organização nem defesa. Pois nós mandamo-los simplesmente para a sepultura que nos destinavam, que o mesmo é que para o Redondo, onde o senhor Antonio Zé está sempre veraneando. E ponto final.

Na Covilhã

A formiga ainda mexe

Continua imperando a demagogia neste concelho; a ordem do dia é o escandalo da eleição do club União onde os demagogos locais abusando da situação dos diretores meteram á ultima hora citenta e tantas marcas.

A unica forma de arrancar a eleição, cuja vitoria pertencia esmagadoramente aos conservadores, marcas recrutadas na quasi totalidade entre menores, creados e empregados de democraticos.

Na cidade e povoação os conservadores apresenturam um relatorio contendo como delito da administração democratica que vem fazendo politica alicomo prova a apresentação nesta casa do assassino Armando de Azevedo pelo chefe democratico, facto que provocou repulsa de toda a gente seria da cidade e do club, e a atual sendo ilegalissima pela constituição da assembleia dos demagogos que não admitiram discussão e perante a attitude mais que ameaçadora para com os socios conservadores que abandonaram a sala do club que parece ser destinada a centro democratico.

A' saida os demagogos deram vivas á republica que foram correspondidos por conservadores e unionistas sensatos com morras e abaixos á formiga branca; reina profunda indignação.

ECONOMIA NACIONAL

Como a Inglaterra faz economias

I

Da importante *Revue de Science et Leg. Financière* traduzimos o presente artigo e outros que se lhe hão de seguir sob o mesmo titulo.

«No começo das hostilidades, muita gente lamentava as prodigalidades e despezas estravagantes feitas nos serviços da guerra. A critica era fundada. Se hoje a questão não está ao abrigo das censuras, é preciso reconhecer no entanto que importantes reformas foram realisadas. Eis algumas indicações caracteristicas.

Antes da guerra, fazia-se face ás necessidades do exercito por meio de contractos assinados segundo o sistema das adjudicações; mas a impossibilidade de satisfazer os pedidos dos serviços de guerra durante os tres ultimos anos, e a elevação que daí resultou para os preços, tornaram indispensavel uma revisão rigorosa das relações entre o governo e os industriais. O processo ora adotado tem por base o principio de que o Exercito e a Marinha têm prioridade sobre os recursos do país, e os preços a pagar pelo *War Office* devem ser fixados, não de harmonia com os preços do mercado, *mas de harmonia com o custo da produção e mais uma razoavel taxa de lucros.* Para determinar as despezas dos industriais, foi criado um departamento (comissão) especial dos preços do custo e com um tal sucesso que Lord Rhoudd introduziu, desde logo, esse mesmo sistema no Ministerio dos Aprovisionamentos.

A fixação dos preços pelo exame dos preços do custo combinada com o sistema da propriedade que obriga os industriais a executar os contractos feitos com o Estado antes dos dos particulares, teve por resultado assegurar aos serviços do governo todos os recursos industriais do país pelas tarifas mais economicas.

E o governo tinha de fiscalisar os preços dos industriais, era manifesto que devia fiscalisar tambem o custo das matérias primas. Recorreu-se pois, em grande escala, ás compras directas em todos os mercados mundiais e á eliminação de todos os intermediarios. Em presença da raridade da lã, o governo comprou toda a que foi recolhida em 1916 e, em circunstancias, um pouco diversas, assumiu tambem a fiscalisação das importações do *linho* da Russia. Este sistema foi egualmente aplicado aos *coiros* e a outros artigos, e, naquilo que diz respeito aos *viveres*, fizeram-se importantes economias realizando as compras nos varios mercados coloniais com a cooperação dos Dominios».

Em Portugal não se segue positivamente o mesmo sistema e o grande numero dos intermediarios veem dia a dia crescer fabulosamente a sua riqueza, muitas vezes adquiridas Deus sabe á custa de que expedientes! A' previdencia que por vezes aparece lá por fóra, opõe Portugal orgulhosamente (como para quem as questões de dinheiro são desprezíveis) a sua eterna imprevidencia.

Quando mudaremos de rumo?

A. Campos Figueira.

Artur Maciel de Santiago

Está-se afirmando com notaveis qualidades literarias este nosso prezado camarada. Lemos na *Gardunha* o excerto dum conto *Rosa de Lima* onde ha um sabor castiço de linguagem que nos revela para breve a plenitude dum estilo sobrio e airoso. Paralelamente, no *Noticias de Viana* acompanhamos a sua polemica com um retardado defensor do general Gomes Freire. Severidade e incisão, na frase, demonstrou-nos firmesa de pena, batendo por completo o adversario. Concedeu-lhe ainda que Gomes Freire no Roussillon e na Catalunha se destinguisse com superioridade. Foi Artur Maciel de Santiago realmente genc'roso. Nos arquivos do Ministerio da Guerra guarda-se o inquerito que então se fez ao seu procedimento e esse documento basta para que o canonisado da Maçonaria se esbarronde sem mais esforço algum do seu pedestal abaixo.

Creia Maciel de Santiago na nossa viva simpatia, e disponha das columnas do nosso jornal como integralista que é e dos mais fervorosos na sua acção.

Liga Naval Portuguesa

Realiza-se hoje ás 9 e meia da noite a conferencia do sr. Homem Christo, filho. O tema desta conferencia é «Portugal em França aob o democratismo».

Roubar... Roubar...

O sorvedouro no Ministerio da Guerra

Luiz Galhardo, chefe de espionagem de Norton de Mafos e comandante da «formiga branca» levantava por meio de vales odinheiro que lhe conviuha

No ministerio da guerra foi ontem patente á imprensa o resultado do inquerito realizado por ordem do actual governo ás despesas feitas pelo anterior com a greve telegrafo-postal e com a repartição de informações do ministerio da guerra.

«Para fazer face ás despesas motivadas pelos acontecimentos ocorridos nos dias 20 de maio e 12 de julho de 1917 e ainda com a greve dos operarios da Companhia das Aguas e dos correios foi proposta pelo sr. Norton de Matos, em 7 de setembro de 1917 e auctorizada no mesmo dia pelo conselho de ministros, a verba de 60 contos por conta da verba «Despesas excepcionais resultantes da guerra», destinada ao pagamento daquelas importancias.

Desta verba gastaram-se 57:822$94 sómente com a greve dos correios, com excepção da parte de 20:770$00 recebidos pelo chefe da repartição de informações e de 6$00 pagos ao hospital D. Leonor.

Muitas destas despesas foram ilegalmente documentadas, faltando autenticidade e valor aos documentos.

Declarou, porém, o chefe do antigo ministro da guerra, tenente coronel Almeida Santos, que «todos os pagamentos embora sem apresentação dos documentos legais», o foram com auctorização do sub-secretario do Estado, ou do proprio ministro, solicitada por vezes verbalmente e outras por escrito nas proprias facturas ou documentos a pagar, como de facto em alguns consta, seguindo a praxe que encontrou no ministerio da guerra, e que a liquidação de contas entre o conselho administrativo e a repartição do gabinete, embora por ele já ordenada ao capitão Urosa Gomes antes do movimento de 5 de dezembro, não foi levada a efeito por causa do aumento de serviço.

Da verba n.º 6, de 337$00, destinada a «anuncios e editais», tambem irregularmente documentada, sómente foi dispendida a importancia de 507$70, faltando restituir ou documentar a importancia de 29$30.

Avalta entre estas despesas, diz o relatorio, a quantia de 20.770$00, abonada aos oficiais do Serviço de Informações, major Luiz Galhardo, e de contra-espionagem, capitão Julio Pinto Vieira, mediante cedulas por eles apresentadas, no seguinte teor:

Em 24 de maio, para o movimento de 19, Galhardo, 60$00.

14 de julho. Pinto Vieira, vale sem indicação do fim para que foi passado, 60$00.

30 de julho. Serviço de informações. Pinto Vieira, 800$00.

14 de agosto. Informações. Galhardo, 300$00.

18 de agosto. Informações. Galhardo, 800$00.

25 de agosto. Idem, Idem, 200$00.

31 de agosto. Idem, Idem, 400$00.

3 de setembro. Gréve dos correios. Galhardo, 1.000$00.

11 de setembro. Idem. Com o selo em branco do ministerio da guerra. Galhardo, 1.500$00.

14 de setembro. Despesas da Repartição de Informações. Galhardo, 1.000$00.

18 de setembro. Gréve dos correios. Galhardo, 3.000$00.

1 de outubro. Serviço de informações. Galhardo, 650$00.

8 de outubro. Despesas com a repartição. Galhardo, 1.500$00.

15 de outubro. Informações. Galhardo, 1.000$00

31 de outubro. Idem, Idem, 1.800$.

6 de novembro. Idem, Idem, 500$.

12 de novembro. Idem, Idem, 500$.

16 de novembro. Instalação e alimentação de subditos alemães no deposito provisorio das Caldas da Rainha. Galhardo, 2.500$00.

23 de novembro, Idem, Galhardo, 500$00.

30 de novembro. Serviço de informações, Galhardo, 1.200$00.

Foram portanto recebidos pelo capitão Pinto Vieira 560$00. Pelos major Luiz Galhardo, 20.210$00, sem outra documentação da despesa além das cedulas referidas. Além da importancia de 20.770$00 foram abonadas anteriormente ao sr. Luis Galhardo por conta da verba de 10.000$00 destinada ás despesas provenfentes dos acontecimentos de 15 de dezembro as quantias de 345$82 e 476$02, e a de 5.000$000 por conta da verba de 1.000$000 abonados á repartição do gabinete por ordem do ministro da guerra.

Esta repartição de informações não tinha existencia oficial e foi criada pelo sr. Norton de Mafos, logo depois do movimento de 15 de dezembro de 1916, sendo as importancias necessarias para o seu serviço pagas directamente. Pela repartição do gabinete pela verba destinada a movimentos, por ordem verbal do ministro.

Apresentada na repartição do gabinete a cedula ou recibo, de qualquer importancia destinada áquela repartição, era satisfeita em obediencia á ordem recebida, sendo esse recibo junto ao dinheiro existente sem qualquer outra escrituração.

Esta repartição foi extinta pelo actual governo e á prestação de contas deverão ser chamados os responsaveis, enviando-se o processo ao Conselho Superior de Administração Financeira do Estado.

E, concluido o relatorio, que é assinado pelo juiz sr. dr. Alfeu da Cruz, fecha com a seguinte relação das despesas feitas por conta da verba dos 60.000$00.

Postos de telegrafia sem fios, 3.490$85.
Comida aos presos no «Lourenço Marques», 3.910$90.
Enviado á 2.ª divisão do exercito, 250$00.
Transporte de presos, 70$62.
Viagem do sub-secretario ao Porto, 684$00.
Anuncios e editais, 337$00.
Escoltas ás ambulancias do correio, 1.252$86.
Reparação de linhas, 1.162$54.
Alimentação e abono á I. M. Preparatoria, 4.506$07.
Abono ao pessoal civil e militar em serviço nos correios e telegrafos, 1.738$22.
Abono a ciclistas e motociclistas, 312$15.
Abono aos escoteiros, 231$54.
Serviço de automoveis, 10.326$82.
Abono ao director do Parque Automovel-Militar, 400$00.
Dispendio na Central Telegrafica, 400$99.
Idem, 271$91.
Gazolina fornecida pelo Arsenal do Exercito, 41$85.
Reparação do carro n.º 88, 325$66.
Pago por conta da aquisição de 78 motocicletas, 5.000$00.
Abono ao chefe do Serviço de Informações, 20.770$00.
Pago á Perceria de Vapores Lisbonenses, 1.567$00.
Pago a artilharia, 5.357$32.
Pago ao governador civil da Guarda, 165$50.
Ao de Evora, 132$60.
Ao de Aveiro, 104$10.
A' 2.ª Divisão do Exercito, 5$00.
A' 5.ª, 60$22.
A' 6.ª, 57$12.
Ao hospital D. Leonor, 6$00.
A' inspecção do serviço telegrafico, 40$91.
A departamento maritimo do Norte, 28$80.
Concertos de bicicletas, 10$25.
Anuncios, 28$91.
Abono a um sargento telegrafista, 5$60.
A um oficial, 5$00.
Despesas diversas do gabinete, 146$15.
Total dispendido, 57.822$94.
Recebido, 60.000$00.
Saldo, 2.177$06.

Aviso

Em certo primeiro andar da rua da Trindade, á nossa mão direita quando se volta para a rua de S. Roque, continuam as reuniões suspeitas. Faz as honras da casa o *frack* mais bem talhado de Lisboa, sendo natural que apareçam por lá tambem umas celebres *polainas brancas*. Ora cautela!

Aqui não se denuncia ninguem. Mas previnem-se os interessados de que para seu descanço é melhor acabarem com as reuniões.

EM ALCOBAÇA

Manejos da "formiga"

Chamamos á atenção para quem de direito para o que está passando com a *formiga* em Alcobaça. Os seus cabecilhas, Joaquim Pereira da Silva, Amilcar de Sousa Vitorino e José Pelayo, mexem-se activamente, vindo com frequencia a Lisboa. Um deles, militar e prégador assanhado da ida dos outros para a guerra, depois de embosacado no serviço dos motociclistas do exercito, procura agora eximir-se ao seu dever, dando baixa ao *hospital* e empenhando-se em que a respectiva Junta Medica o considere como incapás. Ai ficam apresentados os homens.

As autoridades que procedam.

Mortos de Chaves

Subscrição para o mausoleu

Recebemos a seguinte lista, na importancia de 41$500 réis:

Julio Cesar Baptista, 2$500; dr. João Megre, 2$500; dr. José de Almeida Eusebio, 1$00; Antonio de Sousa Pedroso, 1$000; Manuel Catalão, 500; Alvaro Dias, 1$000; Anonimo, 500; Pedro de Morais, 2$500; A. M. C., 500; João Catalão, 500; Anonimo, 500; Diamantino Henrique Pereira, 2$500; dr. Alvaro Catalão, 1$000; Viriato Barata, 500; Francisco Catalão, 2$500; José Guimarães Costa 2$500; Rafael Morão Pessoa de Amorim, 2$500; Anonimo, 500; Antonio Augusto Baptista, 1$000; Januario Dias A. Neves, 1$000; Francisco da Silva Ramito, 2$500; Joaquim Pereira Espiga, 1$666; Alberto Morais Cruz, 2$000; Paulo Leitão, 500; Ambrosio Catalão, 1$500; José Catalão, 1$000; Anonimo, 1$000; José da Fonseca Teixeira, 2$500; Conego Manuel Anaquim, 1$000; Antonio dos Santos Pinto, 500 e Antonio da Costa Terrinho, 1$000.

Afonso Costa e comitiva

gastam na ultima viajata a Paris mais de SEIS CONTOS DE RÉIS

Despezas feitas em moeda francêsa:

Haver conta particular do dr. Augusto Soares	1.035:30 frs.
Haver conta particular do dr. Afonso Costa	645:60 »
Conta Hotel Maurice—incluindo bilhete da Paris-Lisboa	1.702:60 »
Idem	1.020:05 »
Idem	90:95 »
Idem	82:55 »
Idem	215:15 »
Idem	165:15 »
Idem	30:95 »
Idem	88:00 »
Idem	131:00 »
Telegramas	160:00 »
»	19:00 »
»	33:00 »
	5.411:18 »
Transporte	5.411:18 frs.
Conta Urbano Rodrigues	**431:00** »
Despeza alimentação fóra do Hotel	360:85 »
Jornalista Porto	**820:00** »
Gratificações á partida para Londres	490:00 »
Viagem de Paris a Londres	479:00 »
Excessos de bagagem de Paris a Lisboa	372:00 »
Gratificação ao Thonaz e ao conductor do comboio á vinda	100:00 »
Almoço a João Chagas	**97:00** »
Jantar medicos	82:00 »
Pequeno almoço — Hendaya	62:00 »
Alimentação dos secretarios durante a estada em Paris (á volta)	340:00 »
Despezas extraordinarias durante a travessia em França, tanto á ida como á volta, gratificações na alfandega, almoço no Havre, automovel e despezas nas gares	815:00 »
Somma francos	**9.995:05** »

Cerca de *tres contos de réis* custou á nação a viajata a Paris do sr. Afonso Costa pelo simples prazer de cumprimentar o seu colega Bolo-pachá...

Ler amanhã:

Antonio José d'Almeida, germanofilo?

Por conveniendia de paginação publicamos na 2.ª pagina os artigos «Cá como lá» e «Terra Morta», do que pedimos desculpa aos nossos estimaveis colaboradores.